nº 18

SUPERNOVA

boletim informativo do CEFISMA

Produção do centro acadêmico da física USP (CEFISMA) | Outubro 2026

A Salvação pela Utopia ..... pág. 2

por Douglas J. Vieira

Temos muitas diferenças do lado de lá...

Eleições: entre o reacionário e o menos pior, onde entra a revolução? ..... pág. 3

por Cefisma Popular

Eu esperava o pior, e foi pior do que eu esperava.

Agostina – Polêmica Aberta ..... pág. 6

por Cefisma Popular

A Agostina não vai acontecer este ano com a participação do CEFISMA.

Uma Revisão sobre o que Conferimos Juntos (e eles podem estragar) ..... pág. 9

por Camila Leite

Entre o silêncio e o exagero: o equilíbrio possível na educação preventiva.

Coletânea de Artes ..... pág. 15

Aprecie algumas obras de artes produzidas pelos alunos do Instituto!

Relatório do Tempo e Repasses .... pág. 18

Relatório mensal do tempo setembro de 2026. Repasse de uma RD da reunião da COC-LIC. Repasse financeiro do CEFISMA de Setembro.

Palavra Cruzada ..... pág. 23

por Equipe editorial SUPERNOVA

Divirta-se com nossa palavra cruzada temática! Veja a solução da palavra cruzada da edição passada.

Mural de Avisos..... pág. 24

Eleição de RDs. HallowIF. "A Antonéia!" disponível no YouTube. Livro do mês – Clube do Livro da Física. *Newsletter* do Supernova.

Me conta, SUPERNOVA!..... pág. 27

por Equipe editorial SUPERNOVA

Resenhas de obras que a equipe Supernova apreciou.

Gostaria de enviar a sua contribuição para o Boletim Supernova?

Mande seu texto ou sua arte para a próxima edição através do QR code!

A Salvação pela Utopia

Muitos podem pensar que a construção de vieses e visão de mundo é algo que passa intrinsecamente pelo âmbito racional dos indivíduos, no entanto, a construção de parâmetros que definem o comportamento, time de futebol, religião e demais itens do checklist de todos nós enquanto humanos, vivendo num planetinha cheio de opções para abraçar e se esquecer um pouquinho do vazio de existir, *acho que tô lendo muito Nietzsche... porém brincadeiras à parte somos um caldeirão de possibilidades que nada tem de acidente e são compostas por várias formas de se fazerem valer, ao nos dar algum sentido, algum norte, sendo nossas bússolas em meio ao caos.

Observar seu vizinho ou seu amigo do outro lado do mundo pode ser uma experiência interessante, pois é possível parecer mais com seu amigo inglês do intercâmbio, do que com alguém que divide tantas semelhanças em termos de origem, acessos e contextos diversos relativos a habitarem a mesma geografia, falarem o mesmo idioma e talvez por coincidência torcerem ambos pro Corinthians, porém a visão de mundo não passa por um critério apenas geográfico.

Então a essa altura para não ser prolixo vamos direto ao ponto, as paixões que se fazem tangíveis na vida adulta são reflexos de uma infância, seja ela bem ou mal vivida, pois as marcas do tempo são implacáveis, e não é como se apenas a infância deixasse suas cicatrizes, mas é nesse reduto de formação que a gênese de quem somos é moldada, de forma a nos tornarmos um aglomerado disso com pitadas de vida adulta e suas máscaras.

Você em meio ao atual contexto político, então olha para sua tia, primo ou talvez Pai e Mãe e não reconhece nesses sujeitos uma legitimidade que vê em si, a propósito você está do lado certo, claro que está, em nosso universo particular somos os tiranos e algozes tudo e nada porém o que dificilmente admitimos é que nossa vista é miope e as lentes que usamos sempre têm um pouco de nossos preconceitos pouco fundamentados.

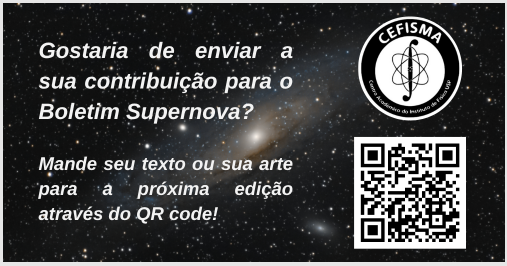
Meu convite a todos é dialético é capacidade de diálogo, de envolver-se na visão do outro de entender a mais vil psicopatia e suas causas e até mesmo que trata-se apenas de um caso de psicopatia, pois gritar aos berros teorias políticas contra uma massa que reverba um ódio mal canalizado, é jogar lenha na fogueira de um mundo já em colapso, não precisamos mesmo de pais homofóbicos, primos racistas e tias fundamentalistas que te julgam por cada ação e até pensamento, mas a provocação real é de que essa guerra cultural não era vencida com um sentimento de superioridade moral e intelectual, pois as bases da sociedade não operam seus jogos estocásticos por meios lógicos, não jogamos xadrez ao encarar o drama humano, para uma guerra dos afetos eu advogo em nome da utopia.

Temos muitas diferenças do lado de lá, ser de esquerda para alguns de nossos mais íntimos e próximos por anos, é sinônimo de indecência, burrice e ausência de sobriedade. Porém, mesmo em meio a todo esse viés carregado de imbecilidades diversas, sua tia usa o SUS, seu primo passou em Direito pelo Prouni e seu Pai adora se gabar de que tá cheio da grana quando cai o décimo terceiro e o churrasco no final de ano é um pouco mais farto. Portanto, somos ancorados por políticas que nascem da luta, da visão e da ação que eles tanto antagonizam, porque lhes foi vendida uma distopia que nasce da paranoia e do preconceito e para suplantar esse lugar medonho da alma de tantos dos nossos, somente a utopia o desejo por mudança, o de-

sejo por acessos e a construção de algo para além do que se põe como verdade que será possível mudar, mesmo que poucos para esse lugar de luta, subversão e transformação social.

Virar voto, nesse momento, passa mais por ser capaz de ver o mundo como ele é e não como gostaríamos que fosse, e entender que as motivações e paixões do lado de lá são diversas e cheias de motivação do mesmo modo que nós do lado de cá, e portanto não seja pouco inteligente, não haja por impulso e não reforce o que já pensam, proponha uma mudança tangível, visceral e cheia de vida, não um aceite do que está, ser conservador só irá sair de moda, quando a esquerda em sua maioria se lembrar dos sonhos lá da infância que tanto nos definem e começar a pautar uma utopia revolucionária e nesse dia, quero ser o primeiro da fila a abraçar os nossos de volta a seu lugar histórico de classe trabalhadora não mais servil ou ideologicamente perdida, mas politizada, curada de seus medos e traumas e de mãos dadas para que a luta deixe de ser um sonho distante e se torne nossa salvação material que só poderia vir de um sonho infantil, mas que um dia irá se realizar.

Sobre o autor:
Douglas J. Vieira é aluno ingressante do IFUSP.



Eleições: entre o reacionário e o menos pior, onde entra a revolução?

O primeiro turno das eleições foi no dia 04 de outubro, como de costume, em homenagem à data do nascimento da Constituição Federal de 88, no dia 05 de outubro. Além de ter eleito o Executivo, elegeu também o Legislativo.

No Senado – lembrando que os eleitos de agora contarão com mandatos de 8 anos –, a direita terá mais de 60% das cadeiras, enquanto o centro e a esquerda com menos de 20% cada. Já na Câmara dos Deputados, a direita terá 55% das cadeiras, o centro 24% e a esquerda quase 21%. Em São Paulo, a ALESP terá mais de 70% dos deputados estaduais de direita. Isso quer dizer que, basicamente, quando for necessária apenas a maioria, a direita sequer terá que negociar com o centro (que, sabemos, também já é inclinado à direita). Quanto ao Executivo, em São Paulo, elegeu-se Tarcísio logo no primeiro turno, com mais de 60% dos votos e, dessa vez, diferentemente de 2022, ele também ganhou na capital. Sobre a presidência, Flávio Bolsonaro ficou com 47,03% dos votos e Lula com 45,16%, diferença acirradíssima.

Eu esperava o pior, e foi pior do que eu esperava.

O que o CEFISMA apoia, para o segundo turno, é o **voto crítico em Lula**. Não porque apoiemos o Lula, mas porque a entrada de Bolsonaro na presidência nos arrastará para tempos muito, muito sombrios novamente, dado que o candidato, no dia seguinte a um primeiro turno que o garantiu apoio em números massivos no Legislativo, afirmou querer mudar a Constituição. Não gosto de pessoas alarmistas, mas faço questão de lembrar que não existe cláusula pétrea em golpes de Estado.

Dito isso, não apoiamos a linha seguida por Lula, principalmente em seu terceiro mandato, onde continuou insistindo fortemente na concili-

ação de classes.

Claro, eu pessoalmente jogaria uma pedra ou um sapato à la Bush em Flávio Bolsonaro se tivesse a mais remota oportunidade. Mas sinto que as pessoas que defendem a Frente Ampla com unhas e dentes se esqueceram de coisas – não detalhes, fatos cruciais – que julgo importante que nós lembremos.

A Frente Ampla, centralizada na figura de Lula, é justamente o que gera essa impressão de polarização tão intensa. A extrema direita e os conservadores, ao contrário do que costumamos pensar, são tão fragmentados quanto nós. Talvez até mais. É importante começar ressaltando, então, que Lula não é de esquerda (pelo menos não mais), e sinto que é imprescindível começar com esse fato. A morte do petismo no Brasil não significa, de maneira alguma, a morte da esperança da esquerda brasileira, muito pelo contrário: deixa um "vácuo" , e assim significa a abertura de novas possibilidades do enfrentamento do capitalismo pela classe trabalhadora, se, e somente se, a revolta e o descontentamento sentidos forem bem trabalhados por parte dos revolucionários, por meio da elevação da consciência do proletariado, ao ponto em que as contradições do capitalismo fiquem evidentes, assim como a necessidade de uma revolução.

Pelo ponto de vista do materialismo histórico-dialético (o método de Marx e Engels, oposto ao idealismo de Hegel), os aspectos materiais e, assim, econômicos, são os que movimentam a ideologia, e não o contrário. Sob essa ótica, o espectro político tem mais a ver com a relação com o capitalismo (sistema vigente) do que qualquer outra coisa, e o posicionamento dentro da luta de classes. A direita, seja ela o setor reacionário (como o bolsonarismo), seja o setor liberal (como Alckmin), cada um à sua maneira, zela pela manutenção ou aprofundamento do sistema capitalista. Já a esquerda, pelo contrário. Aqui é importante também fazer uma distinção: os reformistas acreditam, como o nome denuncia, que é possível reformar o capitalismo e, gradualmente, melhorá-lo ou encerrá-lo, exigindo então uma etapa de conciliação de classes. Já os revolucionários, acreditam que isso não é possível e que o fim do sistema capitalista se dará apenas com uma revolução da classe trabalhadora. No último, estão os comunistas, que, esperamos que nesse ponto não seja surpresa pra ninguém, é onde a linha política do CEFISMA Popular está posicionada.

Desta maneira, Lula não é de esquerda, e seu último mandato selou o caixão dessa ilusão propagada. Ele representa, ainda, uma aliança com a burguesia. Isso porque, mesmo com os grandes projetos sociais do governo Lula 1, medidas como o Arcabouço Fiscal e a tentativa de privatização das hidrovias do Rio Tapajós e Tocantins no último mandato deixam claro que a política principal é a de conciliação de classes. Entretanto, considero que a culpa da morte do petismo é justamente dessa tentativa de conciliação de classes com interesses não apenas diferentes, mas completamente antagônicos: ao tentar agradar gregos e troianos, proletariado e burguesia, Lula desagradou a todos. Digo mais ainda: esse desagrado foi um prato cheio para que a extrema direita se infiltrasse no dia-a-dia da classe trabalhadora e pudesse apontar para os problemas observados, desse soluções simples para problemas estruturais, e então se perguntasse algo que, muitas vezes, estava correto: e o PT, em 18 anos, o que fez sobre isso? Aliado ao contexto da educação precária (principalmente em disciplinas que incentivem o pensamento social crítico), temos ainda a falta de tempo por causa de jornadas de trabalho exaustivas, gerando uma falta de tempo para letramento político, evidenciado com o fato de que muitas pessoas sequer sabem a importância do

Legislativo, ou o que é esquerda e direita além do sensacionalismo. Esse problema de falta de tempo, além de muito presente por causa da existência da escala 6x1, é aprofundado com o distanciamento da sensação de pertencimento da classe a algum grupo através de medidas como a pejotização e a plataformização.

Esse contexto, de medidas de conciliação de classe constantes, com a crise do capitalismo gerando essa articulação dos reacionários (em igrejas evangélicas, por exemplo, que muitas vezes são a única rede de apoio e pertencimento da parcela desesperançosa e decepcionada do proletariado), da falta de letramento e debate político, e da disputa de consciência da juventude desiludida com um futuro, resultou no que vimos no primeiro turno. Temos ainda a influência das *Big Techs* americanas, como se já não estivéssemos muito bem sozinhos, obrigada.

Novamente, que fique claro que em nenhuma instância apoiamos Bolsonaro. O que é necessário entender, por exemplo, é que é revoltante, sim, que o Lula 3 não tenha conseguido reduzir tanto quanto deveria o preço da carne, mas que colocar as medidas propostas por Flávio Bolsonaro em vigência significará rever a triste cena da filas pela doação de ossos vista durante a pandemia. É revoltante, sim, que após 4 anos o fim da escala 6x1 ainda esteja empacado, mas qualquer pessoa que tenha o mínimo de contato com a realidade sabe que a proposta de Flávio Bolsonaro de que os empregados negociem com os patrões, no fundo, significará uma escala 7 x 0. É revoltante sim, que as bolsas federais de iniciação científica ainda sejam menos de metade de um salário mínimo, mas a proposta de Flávio Bolsonaro de acabar com a CNPq e subordiná-las ao MCTI significará o fim de muitas das importantíssimas pesquisas realizadas aqui no Instituto de Física, por exemplo.

Ignorar esse começo importante, de que a ineficiência em muitos aspectos do PT (e da conciliação de classes como um todo) em resolver os problemas da classe trabalhadora é revoltante, e fingir que está tudo bem porque precisamos reeleger Lula, é entregar de bandeja o Palácio do Planalto de volta à família Bolsonaro.

Assim como odeio alarmismos e comecei o texto com um, me permito ser hipócrita e dizer que odeio também fazer uso de lugar-comum. Para um trabalhador revoltado, que deixa de pagar a conta de luz para poder fazer mercado, que trabalhou exaustivamente para comprar um celular que é roubado enquanto ele volta do trabalho, qual alternativa parece mais atrativa, qual espelha mais a raiva que ele tem todo o direito de sentir? Reduzir a maioridade penal para punir quem o roubou (o que sabemos que não aconteceria, a diferença é que quem o assaltou seria cada vez mais jovem, além do aumento da população carcerária e opressão de jovens periféricos)? Ou ter certo estoicismo de pensar que, na verdade, é errado que ele trabalhe tanto, tanto, tanto por um celular, que precisamos para tudo, inclusive para conseguir um emprego; que os assaltos e furtos a celulares, principalmente feitos por menores, são sintoma de um sistema feito para que as pessoas precisem que esta seja a sua desesperada última alternativa, estando em situação de vulnerabilidade?

O que pareceria mais atrativo para você, se colocando nesse lugar: dizer que o crime organizado acontece por causa das drogas e que dele parte a culpa de toda a violência, e que temos que fazer uma extremíssima repressão na forma da guerra às drogas (uma solução mais rápida, porém que sequer resolve o problema por cima, quem dirá o estrutural); ou que a presença tão intensa do crime organizado tem muito mais a ver com um vácuo deixado pelo Estado onde ele deveria cumprir seu papel e garantir condições mínimas de sobrevivência, mas

que as crianças precisam escolher entre roubar e passar fome?

Chega de lugar-comum, vamos voltar à materialidade.

O que a direita propõe, com soluções simples, porém ineficientes, para os problemas complexos, funciona justamente porque estamos cansados. E sem esperança. E com raiva. E tristes. E sem tempo. E sem dinheiro. Estamos realmente sem dinheiro. E, como dito anteriormente nesse texto, o dinheiro move o mundo.

Temos que sair desse lugar superior autointitulado que o academicismo têm nos colocado e conversar de verdade com as pessoas. Como eu disse, temos raiva. Raiva pede medidas curtas e drásticas, raiva não dá espaço para reflexão mais ampla, raiva aponta o dedo para culpados. Cabe a nós transformar a raiva em revolta. Porque revolta dura. E essa revolta tem nome: revolta de classe. E se você, nessa altura, já concordou que o problema do governo Lula foi a conciliação de classes, o oposto é muito claro: luta de classes, o motor da história.

Faço questão de lembrar aqui, também, que a principal justificativa da Frente Ampla é que só Lula tem a popularidade necessária para derrotar grandes figuras em ascensão da extrema direita, como a família Bolsonaro, e talvez eles tenham até razão. Mas, independente de Lula ganhar ou perder, ficaria ainda o questionamento, sob essa ótica: o que faremos em 2030, se essa centralização de toda a ala não reacionária em Lula não der certo? Choramos?

Vivemos tempos difíceis, mas, honestamente, são poucos os tempos que não são. É importante saber que o derrotismo e o pessimismo nunca levaram ninguém a lugar algum, eles paralisam, e enquanto nós nos vemos paralisados, o mundo continua a pegar fogo. Também não é hora para desespero ou raiva, porque isto nos torna impulsivos e irracionais. Esse, dentre todos os momentos, deve ser a epítome da nossa revolta enquanto classe trabalhadora. Aproveitemos que o Brasil discute política, e aproveitemos para construir mobilização, para pegar esses sentimentos - derrota, medo, raiva, desespero - e transformemos em algo que realmente ativamente muda o mundo, que é a revolta organizada e contra as pessoas certas, contra quem realmente se beneficia com o sistema capitalista: a burguesia.

Mais do que nunca, mostra-se necessária a organização dos trabalhadores, em partidos e, principalmente, em diversas entidades de base, como sindicatos e o próprio CEFISMA.

Há esperança, e ela não é o Lula, é a revolução. Ajamos como tal.

Sobre o autor:
Cefisma Popular é a chapa vigente do CEFISMA 2026-2027.

Agostina - Polêmica Aberta

A Agostina não vai acontecer este ano com a participação do CEFISMA. Começamos com essa afirmação para deixar claro que essa não foi uma decisão tomada por falta de tempo, esquecimento ou porque a festa deixou de ser importante para a comunidade do IFUSP, especialmente os estudantes. Justamente por reconhecer essa importância, entendemos que era necessário avaliar honestamente se, nas condições de 2026, faria sentido realizá-la.

A esta altura do ano, em outubro, talvez muita gente esteja se perguntando o que aconteceu com a tradicional festa de agosto. Há anos a Agostina marca o calendário da Física e faz parte da experiência de ser estudante do IFUSP.

É um momento de encontro, convivência e ocupação do espaço estudantil. A universidade não deveria ser apenas o lugar onde estudamos, ensinamos e pesquisamos, mas também um espaço de construção de comunidade, cultura e relações, algo que perpassa de muitas maneiras a sensação de pertencimento. É justamente por reconhecer isso que não tratamos a decisão como um simples "não quisemos fazer a festa". Nós discutimos se era possível fazê-la e chegamos à conclusão de que, neste ano, não era.

Essa decisão é resultado de uma experiência que já se acumula há alguns anos. No ano passado, a Agostina consumiu mais de R$17 mil das reservas do CEFISMA e teve pouco mais de R$9 mil em vendas. Parte das despesas ainda foi paga em setembro, fazendo com que o impacto financeiro ultrapassasse o mês da festa. A experiência da Setembrina, realizada depois, aprofundou a mesma contradição: foram mais de R$16 mil em gastos para uma arrecadação de aproximadamente R$5,9 mil. O problema, portanto, não poderia mais ser tratado como um acidente isolado. A forma como estávamos construindo festas desse tamanho não era sustentável para as entidades estudantis.

E o prejuízo não termina quando a festa termina. As contas continuam, os pagamentos continuam e a entidade precisa passar meses recuperando o que foi perdido. Mesmo com a recuperação financeira que conseguimos posteriormente, de cerca de R$15 mil, o impacto daquele período foi diluído ao longo do semestre e exigiu um esforço enorme para continuarmos cumprindo nossas obrigações políticas e financeiras.

Isso é especialmente importante porque o dinheiro do CEFISMA não existe para financiar uma empresa de eventos. Ele é um recurso coletivo, destinado à organização, sobretudo política, dos estudantes de Física e de seus coletivos. Somos também a única entidade que realiza repasses financeiros e isso tem consequências práticas: ajuda a estruturar nosso trabalho e fortalece nossa posição diante das burocracias da universidade quando precisamos reivindicar nosso espaço coletivo e resolver problemas que atravessam a vida estudantil.

Por isso, gastar é sempre uma decisão política. Quando colocamos uma quantidade grande de recursos em um único evento, necessariamente deixamos de colocá-los em outra frente. E hoje continuamos herdando e recebendo muitas responsabilidades, cujo cumprimento é essencial para a continuidade da consolidação e legitimação da entidade, construída ao longo de grandes esforços nos últimos anos: manter e melhorar o Amélia Império, construir atividades políticas e culturais, apoiar estudantes e sustentar relações com outras entidades e espaços de organização. Não faria sentido defender a autonomia do nosso espaço estudantil e, ao mesmo tempo, colocar em risco a capacidade financeira da entidade para garantir uma única noite de festa.

Em 2026, essa discussão ganhou uma dimensão política ainda maior por causa da greve. No IFUSP, a mobilização teve entre seus eixos a defesa da autonomia e da própria existência do nosso espaço estudantil. O Amélia Império esteve no centro dessa disputa, e não podemos agir no pós-greve como se as relações políticas fossem as mesmas de antes. **A greve altera relações, produz conflitos e deixa marcas. Todos que participaram dela, inclusive integrantes atuais e antigos das entidades, sentiram de alguma forma seus efeitos ao longo do ano.**

Isso não significa que deixamos de realizar atividades. Ao final da greve, realizamos a Festa do Fico, junto com a AAAGW, uma festa que, segundo o que nos foi passado, não acontecia há cerca de dez anos. Também buscamos construir a FOGAYRA junto com estudantes do IP,

do IRI e do IME. Não participamos de sua realização por causa da coincidência com o período eleitoral, mas a experiência mostrou que existem outras formas de construir integração e, inclusive, eventos financeiramente sustentáveis. A FOGAYRA, inclusive, deu ***lucro***, algo que não pode ser dito sobre a Agostina.

A questão, portanto, não é escolher entre "Agostina ou nada" . Permanência estudantil não cabe em uma única festa. Ela também passa pelo espaço onde o estudante pode permanecer, pelas relações que consegue construir, pelo acolhimento, pela cultura e pela organização política. Podemos fazer festas menores, atividades conjuntas com outros institutos e ocupar mais o Amélia ao longo do ano. Uma comunidade não se constrói em uma única noite.

Ao mesmo tempo, não podemos ignorar que a própria organização da Agostina revelou problemas que continuam sem solução. No ano passado, já havíamos identificado um grau de improvisação incompatível com o tamanho do evento. Isso não significa falta de dedicação de quem trabalhou na festa; pelo contrário, houve muito trabalho. O problema é que ainda não construímos uma estrutura permanente capaz de dividir responsabilidades, planejar com antecedência, prever riscos e impedir que poucas pessoas carreguem praticamente todo o peso da organização.

Não podemos depender eternamente do esforço extraordinário de algumas pessoas para fazer uma festa acontecer e, depois, passar meses pagando suas consequências. Se a Agostina voltar, ela precisa voltar diferente: mais planejada, mais coletiva, mais comunitária e financeiramente sustentável.



Há, ainda, uma responsabilidade que não podemos deixar de lado: nos próximos meses, o CEFISMA continuará precisando apoiar estudantes em viagens e atividades que mantêm nossas relações estudantis e acadêmicas para além do IFUSP. Como nem sempre a universidade consegue cumprir esse papel, ele volta a recair sobre as entidades. Preservar nossos recursos, portanto, não é adotar uma lógica empresarial. É preservar a autonomia política da entidade. Quem não possui recursos depende de terceiros; quem possui alguma autonomia financeira consegue escolher onde atuar e quais disputas enfrentar.

É por isso que decidimos não realizar a Agostina este ano. Não foi desistência, nem falta de vontade, nem abandono da tradição. Foi uma avaliação política e material das condições concretas em que estamos. Realizar a festa significaria assumir novamente um risco financeiro que já conhecemos e, ao mesmo tempo, aumentar um desgaste político que, depois da greve, não temos motivos para considerar pequeno.

Às vezes, fazer política significa dizer não a uma iniciativa que gostaríamos de realizar. Não precisamos provar nosso compromisso com a comunidade fazendo uma festa a qualquer custo, em detrimento de utilizar recursos financeiros e humanos para iniciativas mais valiosas para a comunidade. Nosso compromisso aparece também na capacidade de preservar o espaço estudantil, apoiar os estudantes, construir outras atividades e manter a entidade em condi-

ções de agir quando novas demandas surgirem.

A Agostina continua sendo parte da história do IFUSP e continua sendo importante para nós. Mas preservar uma tradição não significa repeti-la mecanicamente todos os anos, independentemente das condições. Significa preservar aquilo que havia de mais importante nela: a capacidade de reunir, construir vínculos e ocupar politicamente a universidade.

Neste ano, isso significa dizer não. No futuro, caso existam condições para isso, queremos construir uma Agostina melhor do que aquela que conseguimos construir até aqui: mais coletiva, mais organizada, politicamente possível e que não cobre da entidade meses de recuperação depois de uma única noite.

Em outubro, portanto, a ausência da Agostina não é simplesmente a ausência de uma festa. É resultado de uma escolha. Escolhemos preservar nossa capacidade de continuar fazendo política, de defender o Amélia, de apoiar os estudantes e de construir novas formas de encontro. Não queremos apenas repetir o que fizemos. Queremos aprender com o que fizemos. E, neste momento, isso significa não realizar a Agostina.

Sobre a autor:
Cefisma Popular é a chapa vigente do CEFISMA 2026-2027.

Uma Revisão sobre o que Conferimos Juntos (e eles podem estragar)

Ou pior: O mundo está em disputa – e o futuro não deveria sequer ser negociável



Do Brasil às ruas da Europa, a defesa da educação, dos direitos das mulheres, da população negra e da comunidade LGBTQIA+ nos obriga a perguntar: quem tem o direito de existir sem precisar se justificar?

Há momentos onde escrever deixa de ser apenas uma vontade de organizar os nossos pensamentos. Torna-se uma tentativa de entender e compreender o que está acontecendo ao nosso redor, enquanto a vida continua exigindo que a gente trabalhe, estude, pague as contas, cuide de alguém e encontre um jeito de não perder a esperança. Mas qual esperança se aquele lado ganhar?

É curioso como conseguimos normalizar tantas coisas até então abomináveis. Uma notícia sobre violência contra mulheres aparece entre uma propaganda de perfume e um vídeo de humor. Um caso de racismo divide espaço com a próxima polêmica ou até uma fofoca do entretenimento. A retirada de direitos vira discussão de gabinete, enquanto as pessoas afetadas tentam descobrir como continuar vivendo ou pior: sobrevivendo.

E a educação, que deveria nos ajudar a compreender tudo isso, também é transformada, mais uma vez, em campo de disputa.

Nos últimos tempos, tenho voltado a algumas questões que atravessam o Direto do Cantão:

a cultura que perpetua a desigualdade entre homens e mulheres, o racismo que insistimos em tratar como um problema distante, a responsabilidade de educar e a importância de desenvolver pensamento crítico. São assuntos diferentes, mas existe um fio que os conecta: a disputa sobre quem pode falar, quem merece ser ouvido e quais vidas são consideradas importantes —a deles ou a de todos nós?

Talvez seja por isso que as notícias vindas de diferentes partes do mundo mereçam ser lidas em conjunto, sem perder de vista as particularidades de cada lugar.

Quando a desigualdade deixa de ser um acidente

No Brasil, discutir direitos das mulheres, da população negra e das pessoas LGBTQIA+ ainda significa enfrentar uma contradição persistente: reconhecemos formalmente direitos que, na prática, continuam sujeitos a disputas políticas, sociais e culturais (aliás, a Simone de Beauvoir já deu a canetada nos anos 70).

A violência de gênero não desaparece porque uma lei existe e é promulgada. O racismo não deixa de estruturar oportunidades porque uma campanha institucional usa diversidade em sua comunicação. Uma pessoa LGBTQIA+ não passa a estar segura simplesmente porque uma empresa publica uma mensagem de apoio durante o mês do orgulho.

Direitos precisam existir fora do papel, nas instituições, nas escolas, no mercado de trabalho, nos serviços públicos e nas relações cotidianas. Isso tem que ser 24 horas por dia, 7 dias por semana e não "para inglês ver". O mesmo se aplica para a inclusão dos PCDs.

Quando grupos políticos defendem restrições ao debate sobre gênero, raça ou diversidade nas escolas, a discussão ultrapassa a escolha de um conteúdo pedagógico. O que está em jogo é a possibilidade de estudantes compreenderem a sociedade em que vivem e reconhecerem situações de discriminação que, muitas vezes, já fazem parte de sua realidade.

Em abril de 2026, por exemplo, a aprovação do novo Plano Nacional de Educação foi acompanhada de controvérsias sobre a formulação de compromissos relacionados à igualdade de gênero e à educação em direitos humanos. A alteração no texto aprovado levantou preocupações entre especialistas sobre a visibilidade dessas temáticas nas políticas educacionais (Folha de S.Paulo).

Não é necessário concordar com todas as propostas de um grupo político para reconhecer que o acesso ao conhecimento, a liberdade de ensinar e aprender e a proteção contra a discriminação são questões que merecem debate público responsável.

A pergunta é: quando uma sociedade começa a tratar o conhecimento sobre desigualdade como uma ameaça, quem se beneficia do silêncio?

A escola não é uma ilha

Quem trabalha com educação sabe que uma sala de aula nunca será completamente separada do mundo. Os estudantes chegam trazendo suas famílias, suas referências culturais, suas dificuldades econômicas, suas experiências de violência e suas perguntas.

Também chegam com o que aprenderam nas

redes sociais, nos grupos de mensagens, nos vídeos de influenciadores e nas conversas em casa.

Por isso, educar não é apenas transmitir conteúdos e "tchau, até a próxima aula" . É criar condições para que alguém aprenda a questionar, comparar informações, reconhecer contradições e construir argumentos. É oferecer ferramentas para que uma pessoa não precise aceitar a primeira resposta que lhe apresentam.

Em uma de minhas reflexões sobre Paulo Freire, o diálogo aparece como parte fundamental do processo de ensino-aprendizagem. Essa ideia continua atual justamente porque o diálogo não significa concordar com tudo: significa reconhecer que a aprendizagem exige escuta, confronto de ideias e disposição para rever certezas.

Uma educação que não permite perguntas pode até produzir obediência. Mas, terá dificuldade para formar pessoas capazes de compreender a complexidade do mundo.

E isso importa especialmente quando todos esses discursos políticos que transformam professores em inimigos, tratam a diversidade como ameaça e apresentam a discussão sobre direitos humanos como uma espécie de doutrinação inexistente.

A escola não precisa impor uma visão única de mundo. Precisa permitir que diferentes visões sejam examinadas com rigor, respeito e responsabilidade. Portanto, todo o problema começa quando o medo de um debate substitui o próprio debate.

O que as ruas da França e da Espanha estão tentando dizer?

Em outubro de 2026, duas mobilizações europeias chamaram a atenção por motivos distintos, mas conectados por uma insatisfação social mais ampla.

Na Espanha, dezenas de milhares de pessoas foram às ruas em diversas cidades para protestar contra a crise habitacional, o aumento dos aluguéis e as dificuldades enfrentadas por quem tenta conquistar autonomia financeira. A moradia, cada vez mais inacessível para parte da população, tornou-se símbolo de uma promessa de estabilidade que parece distante para muitos jovens. Big Techs de moradia até aproveitaram da situação para comprar residências e transformar em lares temporários onde moraram famílias como a de Maricarmen e parte do país já está a frear esse movimento.

Na França, estudantes do ensino médio e universitários participaram de manifestações por melhores condições educacionais, denunciando a falta de professores, a precariedade das instalações escolares e as desigualdades no acesso à educação. Os protestos de 8 de outubro reuniram dezenas de milhares de pessoas em diferentes cidades e também foram marcados por confrontos com a polícia. The Guardian e Le Monde acompanharam as mobilizações.

Não seria correto transformar essas manifestações em um único movimento, como se todos os participantes compartilhassem a mesma ideologia ou defendessem as mesmas soluções. As reivindicações são diferentes, e as disputas políticas de cada país também têm suas particularidades.

Mas há uma pergunta que atravessa as duas situações: o que acontece quando uma geração começa a sentir que as estruturas sociais já não garantem condições mínimas para construir o próprio futuro do estudo, do trabalho e da aposentadoria?

Quando trabalhar não significa conseguir pagar um lugar para morar, quando estudar não significa encontrar uma escola com condições adequadas de funcionamento e quando as instituições parecem incapazes de responder a problemas cotidianos, a insatisfação deixa de ser apenas individual.

Ela ocupa as ruas.

E a rua, nesse contexto, não é necessariamente um lugar de desordem. É também um espaço de participação política, reivindicação de direitos e expressão de demandas que não encontraram respostas suficientes pelos canais institucionais.

Isso não significa romantizar todo protesto ou ignorar episódios de violência. Significa compreender que a existência de conflitos sociais não pode ser explicada apenas pela presença de pessoas nas ruas. É preciso investigar as condições que as levaram até ali.

O avanço da extrema direita e a disputa pelo que consideramos normal

É nesse cenário que o crescimento de movimentos e partidos de extrema direita merece a absoluta atenção da sociedade e das esferas reguladoras do processo político sociodemocrático (principalmente, a jurídica).

Em diferentes países, setores desse campo político têm defendido agendas que contestam políticas de diversidade, questionam iniciativas de igualdade de gênero, adotam posições restritivas sobre imigração e apresentam mudanças sociais como ameaças à identidade nacional ou aos valores tradicionais.

Essas posições não são idênticas em todos os lugares, e nem toda política conservadora pode ser automaticamente classificada como extremista. Ainda assim, quando projetos políticos procuram restringir direitos de grupos específicos ou enfraquecer mecanismos de proteção contra discriminação, seus efeitos precisam ser examinados concretamente.

O risco não está apenas em uma medida isolada. Está também na mudança gradual dos limites do debate público: aquilo que antes provocava indignação passa a ser tratado como opinião comum; aquilo que era reconhecido como discriminação passa a ser apresentado como uma questão de liberdade individual; aquilo que deveria garantir igualdade passa a ser acusado de conceder privilégios.

Nesse processo, mulheres, pessoas negras e LGBTQIA+ podem voltar a ser colocadas na posição de ter de justificar a própria existência, enquanto a educação é pressionada a evitar assuntos fundamentais para compreender a realidade.

O debate democrático precisa comportar divergências. Mas divergência não é uma licença para desumanizar pessoas, negar fatos ou retirar de determinados grupos a possibilidade de participar da vida pública em condições de igualdade.

E há uma diferença importante entre defender que ideias sejam debatidas e defender que certas pessoas tenham menos direitos por causa de quem são.

Quem protege quem cuida, quem ensina e quem aprende?

Há uma dimensão desse debate que me interessa particularmente: a responsabilidade coletiva.

Esperamos que professores resolvam conflitos, ensinem valores, acolham estudantes, identifiquem situações de vulnerabilidade e ainda garantam resultados educacionais, mesmo quando faltam recursos, equipes e condições adequadas de trabalho.

Esperamos que mulheres denunciem a violência, que pessoas negras combatam o racismo e que pessoas LGBTQIA+ eduquem quem as discrimina. Esperamos que as próprias pessoas afetadas pela desigualdade expliquem, repetidamente, por que merecem ser tratadas com dignidade.

É uma inversão curiosa: quem sofre o problema acaba recebendo também a tarefa de solucioná-lo.

Enquanto isso, as instituições que deveriam compartilhar essa responsabilidade nem sempre oferecem respostas proporcionais à dimensão dos desafios.

Não se trata de retirar a responsabilidade individual. Trata-se de reconhecer que problemas estruturais não podem depender exclusivamente da força, da paciência ou da capacidade de resistência de quem os enfrenta.

Uma sociedade democrática precisa de políticas públicas, instituições responsáveis, educação de qualidade e mecanismos efetivos de proteção. Precisa, também, de pessoas dispostas a participar da vida coletiva, mesmo quando a solução não é imediata.

A esperança não deveria ser mais um trabalho não remunerado imposto às pessoas que já carregam o peso da desigualdade.

Resistir também é não aceitar o esquecimento

Há algo de profundamente político em decidir o que merece ser lembrado.

Lembrar que o racismo não começou ontem. Que a luta das mulheres por autonomia não foi concluída. Que a população LGBTQIA+ ainda enfrenta discriminação. Que a escola pública precisa de investimento, valorização profissional e liberdade pedagógica. Que jovens precisam de moradia, perspectivas de trabalho e condições para imaginar um futuro possível.

Lembrar, principalmente, que nenhuma dessas questões existe isoladamente.

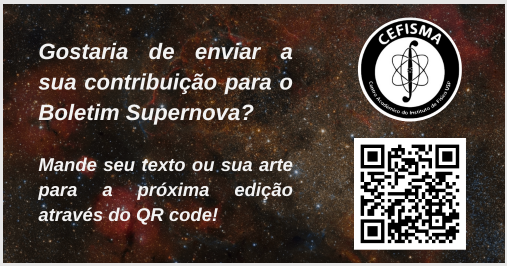
A desigualdade econômica pode ampliar a vulnerabilidade social. A discriminação pode limitar oportunidades. A precariedade educacional pode dificultar a mobilidade social. E discursos que deslegitimam determinados grupos podem tornar mais difícil até mesmo reconhecer esses problemas como problemas coletivos.

É por isso que as mobilizações populares mere-

cem ser observadas para além das imagens de multidões, cartazes e confrontos. Elas revelam tensões que muitas vezes permanecem invisíveis até que alguém decida interromper a rotina.

Talvez não exista uma resposta simples para o que estamos vivendo. Tampouco precisamos transformar cada acontecimento em uma previsão de catástrofe.

Mas podemos nos recusar a tratar como inevitável tudo aquilo que é resultado de escolhas políticas, econômicas e sociais.



O futuro não se constrói sozinho

Escrever sobre o Brasil, sobre mulheres, pessoas negras, pessoas LGBTQIA+ e educação é, para mim, uma maneira de continuar tentando compreender as contradições do mundo sem fingimentos e sem rodeios, uma vez que estou entre os grupos que compõem a maioria nacional.

Não escrevemos a partir de um lugar neutro em relação à vida. Escolhemos assuntos, fazemos perguntas, reconhecemos problemas e decidimos quais experiências merecem atenção. O compromisso está em fazer isso com responsabilidade, sem abandonar a apuração e sem transformar a complexidade em slogans vazios.

As ruas da França e da Espanha não oferecem uma receita pronta para o Brasil. Mas nos lembram de que as sociedades não são estruturas imóveis e de que as pessoas podem se organizar para reivindicar mudanças.

Da mesma forma, a defesa da educação não deve depender de quem ocupa temporariamente o poder. Ela precisa ser um compromisso duradouro com a possibilidade de que cada pessoa aprenda, questione, participe e construa sua própria trajetória.

O que está em disputa não é apenas uma eleição, uma política pública ou uma discussão sobre costumes. É também a maneira como definimos o que significa viver em sociedade.

Queremos uma sociedade em que os direitos dependam da aprovação da maioria? Em que o conhecimento seja limitado pelo desconforto que provoca? Em que algumas pessoas precisem demonstrar constantemente que merecem a mesma segurança, dignidade e liberdade oferecidas a outras?

Ou queremos construir instituições capazes de proteger direitos, acolher diferenças e enfrentar desigualdades sem transformar cada pessoa em inimiga de quem pensa diferente?

Não tenho a pretensão de resolver essas perguntas em um texto. Talvez escrever seja justamente uma forma de mantê-las abertas, de impedir que respostas fáceis ocupem todo o espaço.

Porque, quando a educação perde espaço, perdemos ferramentas para compreender o mundo. Quando a dignidade de determinados grupos vira moeda política, todos precisamos

prestar atenção. E quando as pessoas saem às ruas para exigir condições básicas de vida, vale a pena perguntar o que deixou de funcionar antes de simplesmente condenar o barulho.

O futuro não está garantido. Nunca esteve, aliás sempre na história testemunhamos e agora foi a nossa vez de encarar os riscos.

Mas também não está inteiramente decidido para aquele campo.

E talvez a primeira forma de resistência seja não permitir que nos convençam de que não há mais nada a fazer.

Sobre a autora:
Camila Leite é aluna ingressante do IFUSP em Licenciatura em Física. Também é escritora, desenvolvedora e professora de informática.

Coletânea de Artes

Aprecie algumas obras de artes produzidas pelos alunos do Instituto!

Pode a beleza ser pequena?
Pedro

Pequena não como um rato, que rasteja e esquiva dos olhares, porque acredito que a beleza por vezes se faz evidente de maneira grandiosa. Em outros momentos, todavia, realmente parece fugir do alcance, fazer o esforço para manter segredo. Pode a beleza ser tal qual um livro infantil? Não complexa, difícil, multifacetada e incompreensível, mas algo óbvio como o nascer do sol. Pode a beleza ser intuitiva?

Pergunto-me: por que parece a beleza tão fácil quando presente mas sinuosa quando ausente? Como posso entender e dançar com uma sensação hoje que amanhã sumirá como a mulher linda no trem, que nunca mais vou ver. Talvez a resposta seja que a beleza não existe. Não há conceito, espaço, palavra ou estado onde possa afirmar: aqui está contida a beleza. Basta agora habitar esse gramado florido e belo, banhado pelo sol ameno, que estarei plenamente satisfeito. Pode ser que simplesmente o arranjo das coisas componha esse algo belo sem nunca fazê-lo existir. Sem padrão, lógica ou consistência, o que afoga hoje pode afagar amanhã e não há nada que se possa fazer para desembaraçar esses fios perdidos. Procurar ou tentar causar a beleza gera resultados imprevisíveis, o amor de hoje pode ser odioso amanhã. O beijo azedar, o carinho amargar. Desnecessário qualquer aviso, toque ou notificação, apenas somos levados pelas correntes que nos engolem e cospem de volta mudados.

A beleza pode existir de maneira prolongada em um relacionamento, mas tão rápido quanto surgiu, desaparecer e deixar sequer um rastro que indique qual razão da fuga. Podemos, e realmente tentamos, enxergar essa flutuação quase divina, mas no melhor podemos estimar ou chutar causas que nos satisfaçam. Caso me propusesse a reunir os elementos que fizeram meu primeiro amor florescer, encontraria dificuldade extrema em combiná-los de maneira a trazê-lo de volta. Se é impossível refazer beleza, pelo menos não de maneira genuína, então devo entender que há alguma espécie de irreversibilidade nesta criação espontânea.

Vejo a beleza tal qual o jazz. Toca-se uma versão improvisada de uma melodia e, por maior que seja a vontade da platéia, aquela exata ver-

são deixou de existir de maneira categórica logo após seu último acorde. Isso porque aquela música, preparada ao vivo e de maneira espontânea, é praticamente irreprodutível. Posso até ouvir uma gravação, mas não se trata mais da atmosfera do jazz ao vivo tal qual uma foto com uma ex-amante não revive o relacionamento. É necessário ser presente para apreciar o jazz, deixar que lhe carregue pelos ritmos e solos. Feito da maneira correta, não se percebe nem se questiona a efemeridade do momento, resta apenas um eterno instante muito mais significativo.

Pergunto se a beleza pode ser pequena pois caso fosse grande seria possível estudá-la. Não se perde algo grande de vista, está sempre lá, disponível para fracionamento e investigação. A beleza, todavia, some e faz parecer que nunca existiu. Sua ausência é marcada pelo quase esquecimento de como se deu antes, parece impossível de ter um dia sequer existido. Isso me faz crer que ela é, no fundo, algo bem pequeno. Tão simples que supera nossa capacidade de classificação e entendimento, ela é irreverente à aplicação de uma lógica, bem como deixa de ser tão rápido quanto. Parece-me impraticável prever a beleza, construí-la de maneira sistemática e planejada. Posso ter surtos artísticos, ser encantado por uma vista ou imagem que me leve a produzir ou sentir beleza, mas apenas dessa maneira estocástica.

Quero muito que seja assim: que a beleza seja uma parcela fundamental e incompreensível. Isso confere a mim a capacidade, ou ao menos a possibilidade, de me desapegar dessa missão de buscar ou fazer coisas belas. Posso só aceitar que bem como a gravidade misteriosamente rege a organização dos cosmos e a quântica a dos átomos, a beleza simplesmente existe. Não há condição que possa remover essa característica básica do universo, por mais que eu tente. Quero poder viver esses momentos breves e saber aproveitá-los sem culpa de que amanhã, não os acharei mais. Saber amar e ser amado sabendo da existência do ponto final mas também na certeza do reencontro com essa propriedade ilusória.

Nascimento
André

Gerou-se aqui
De duas sementes inválidas e incompatíveis
Sem um ovo.
Não poderia nunca ser
Mas ainda assim···algo surgiu?

Surgiu, sim
De uma virou duas, de duas um milhão
Se esticou, afrouxou e apertou
Pude ver de perto

Sentia sede de vida. Quem o via, sabia
Queria ser, deixar de ser pensamento e ser material
Perder a efemeridade e se tornar estável, concreto
Firmado em quatro paus com duas copas em cima

Mas o machado veio logo, em tríplice
Um quarto copo, recusado. Desprezado.
Feita a desfeita, só sobrou a dor
Remexeu-se, silvou e contorceu em agonia
A rainha surgiu com um corte limpo no horizonte

Mas seu desejo nunca diminuiu
Foi o suficiente pra nascer
E nasceu assim, moribundo
Trôpego e cheio de desalento
No sobrosso de sua novidez, atirou-se de braços (vários) abertos

Bradou pela vida antes de se espatifar em milhares de si
Ruiu como o fantasma da torre ri, e riu.

Discurso do sol noturno
ou, Josué 10:13-14

Luiz Almeida

"Tudo! Tudo é pequeno!
A morte assombra como um carrasco.
Este peso assobia pelos quatro cantos:
Tudo é pequeno e reduz-se ainda mais."
A força, a grandeza, os belos risos-
Tudo é pequeno e reduz-se em mim.

Esta angústia se estende e revolve
Na divisão e contradição que me assombra
Entre a força que quer a luta em face
Da pequenez mesmo que a aglutina,
E esta pequenez obscena pela qual
Força nenhuma se proporia a lutar.

Dentre todos os fracassos acumuláveis
A falha em falhar é a mais amarga.
Que se tenha sucesso em toda empreita
Para que o sucesso lhe pese qual espada,
E a poesia mesmo não lhe sirva senão
Como trem que desliza sem carga alguma.

Há uma sabedoria, um fato consumado,
Que se quer esquecer, ocultar, destruir,
Do qual, contudo, não há um que possa fugir.

A agarro e abraço com força, e mordo seus cabelos;
Seu vestido negro me cobre e venda os olhos:
De um único instante se furtou de mim
Esta mulher sorrateira, vil verdade.

Essa sabedoria, traidora de minha potência
Ela mesma que me sabe ainda despreparado
Para assumir tamanho peso de suas palavras.

A força luta pela superação do que é baixo;
A sabedoria, no entanto, despreza a baixeza,
E não faz dela seu igual numa dança de troca.

Sua dança é a dança da volúpia.
Seu prazer está em enganar;
Em fazer-se quista e tomar seu lugar
E logo, então, ausentar-se por completo
Pelo que não há, para ela, lugar algum.

De um fôlego repentino me insuflei,
E num novo domingo devo trabalhar:
Para que se possam amanhecer os sábados.

Soneto aos que partiram

N.

Os que ficam sabem dos que se foram,
retirantes feridos pelo mundo.
Dispersos na vida em sono profundo,
a morte os abraça e eles afloram.

Os que ficam meditam a existência,
a extinção dos que quiseram partir,
a mágoa dos que não queriam ir,
a certa e desvanecente cadência.

A efemeridade das coisas vivas,
segue perpetuamente mutável,
e chega de chofre em horas furtivas.

A angústia perene vira implacável,
indagando sobre as almas cativas,
sem conhecer seu fado lastimável.

6 de setembro de 2026

Dedico este soneto a uma moça que gostava muito de Beatles e à minha querida avó.



Pelas Ruas da Cidade das Amoras
Triz Persoli



Folhas Queimando no Fim do Inverno
Maria Dressano

Relatório Mensal do Tempo - Setembro/2026

O mês de setembro em São Paulo geralmente é marcado pela rápida transição para condições típicas de primavera, com o aumento da ocorrência de chuvas convectivas ("de verão") e aumento das temperaturas. Eu costumo dizer que a transição no outono é bastante gradual, enquanto a primavera é como se fosse a *puberdade* das estações no ano no sudeste do Brasil. Dias frios e quentes são intercalados com muita frequência, e é a estação com maior amplitude e variabilidade térmica, podendo ter ondas de calor muitas vezes até mais quentes do que no verão.

Neste setembro de 2026, já muito influenciados pelo Super El Niño, observamos principalmente extremos de chuva, com 15 dos 30 dias do mês tendo alguma precipitação registrada. Além disso, em vários desses dias, altos volumes foram observados, principalmente na primeira quinzena do mês, o que resultou em um total de **294,1 mm**, quase 10 vezes mais do que a chuva que caiu em agosto. A temperatura média observada em setembro na estação meteorológica do IFUSP, localizada no topo do edifício Pelletron, foi de **17,9°C**, valor bastante abaixo do observado em agosto, o que não é comum. A Figura 1 mostra as temperaturas observadas em cada hora do mês no IFUSP, onde vemos um destaque importante para os períodos mais quentes, entre os dias 03 e 04/09, e depois outro mais intenso a partir do dia 26/09. A temperatura mais baixa registrada no mês foi de **9,9°C** na madrugada do dia 07/09, e a mais alta ocorreu na tarde do dia 29/09, com a máxima de **31,9°C**. É possível também que a temperatura máxima do dia 25/09 tenha sido ainda maior, porém uma queda de energia impediu o registro desses dados. Em 4 dias, a temperatura máxima ultrapassou os 30°C.

Olhando para outras variáveis, a velocidade média do vento foi de 5,8 km/h, praticamente igual à média de agosto. A rajada máxima observada foi de **66 km/h**, na tarde do dia 04/09, com a chegada de uma forte frente fria, que trouxe bastante chuva nos dias seguintes. Por fim, a radiação média integrada no tempo, observada ao longo do mês de agosto, foi de **234,9 W/m²**, valor 1,5% abaixo do observado em agosto, devido à maior cobertura de nuvens durante o mês, e equivalente a apenas 54% do total incidente no topo da atmosfera.

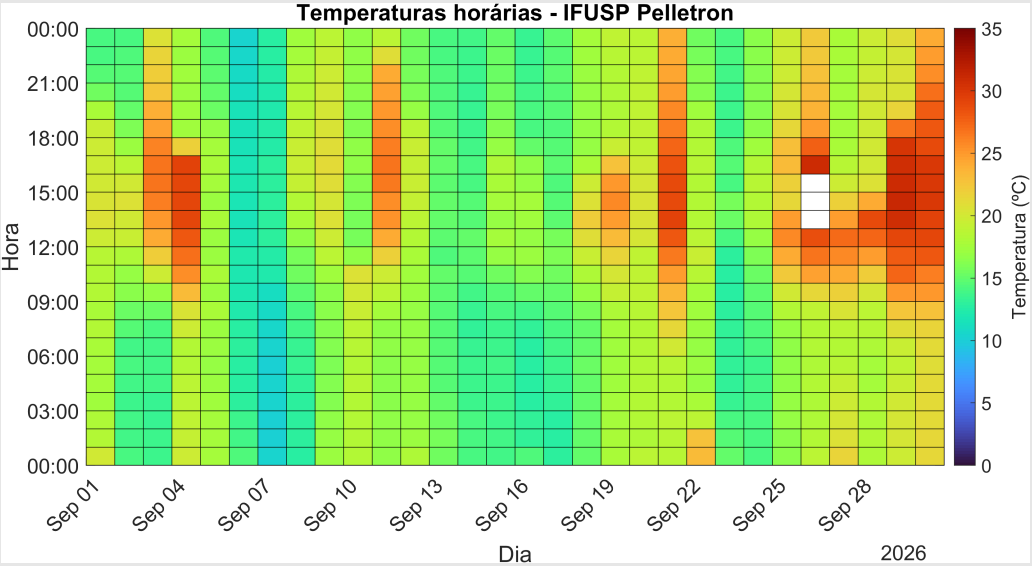


Figura 1: Temperaturas médias horárias ao longo do mês de Setembro de 2026 na estação meteorológica do IFUSP, localizada no topo do Edifício Oscar Sala.

Observações de outras estações meteorológicas espalhadas pela cidade de São Paulo e dados de reanálise atmosférica mostram que o que vimos em setembro em São Paulo reflete a influência do El Niño sobre toda a América do Sul. Na Figura 2, vemos que a parte norte do continente teve temperaturas acima do normal para a época do ano, com anomalias de até $\mathbf{5^{\circ}C}$ na costa do Peru e do Equador. Partes da Amazônia brasileira também apresentaram temperaturas extremas, e chuvas bastante abaixo do normal, o que favorece a ocorrência de queimadas. Essa resposta da atmosfera é típica de eventos de El Niño intensos, como os que tivemos em 1997/98, 2015/16 e 2023/24, devido às alterações na circulação de Walker causadas pela temperatura superficial mais alta no Oceano Pacífico. No outro lado do espectro, esses eventos tipicamente causam um aumento da quantidade de chuva no Sul do Brasil, resultado que neste mês foi observado entre o RS e o RJ, com volumes muito acima do normal para setembro.

A expectativa para o restante da primavera não tem grandes alterações com relação a este padrão, com o ápice do El Niño se aproximando. As temperaturas devem ficar um pouco mais altas conforme a primavera avança, e aos poucos a chuva deve retornar para as regiões mais secas (Centro-Norte do país), com a proximidade do verão. É esperado que faça mais calor do que o normal no Norte e Centro-Oeste, e temperaturas mais próximas ao normal para a época são esperadas no Sudeste e no Sul.

Sobre o autor:
Rafael Valiati, aluno de doutorado no Laboratório de Física Atmosférica do IFUSP.

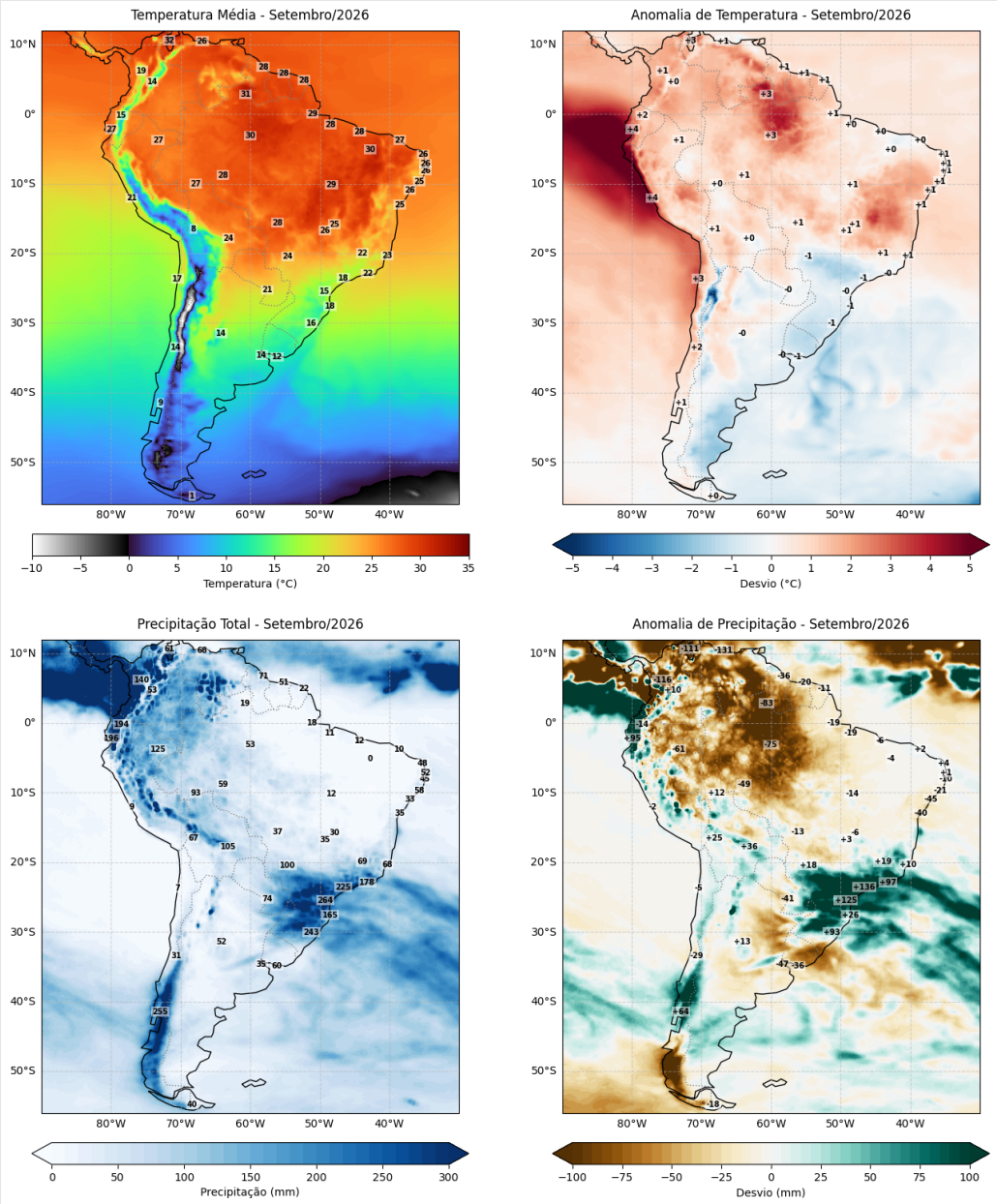


Figura 2: Temperaturas médias horárias, precipitação total, e anomalias com relação à média 1991-2020 ao longo do mês de Setembro de 2026 na América do Sul.

Repasses dos Representantes Discentes

Repasse da Reunião Ordinária da Comissão Organizadora da Licenciatura de 05/10/2026

A reunião teve cinco pautas, começando pela primeira**: atualizações sobre o XI Encontro da Licenciatura** que ocorrerá entre os dias 19 e 23 de outubro de 2026. A Comissão Organizadora do XI Encontro (composta por alunos da licenciatura e PIEC) é inteiramente responsável por organizar o evento. Está tudo pronto, com todos os convidados e atividades confirmadas. A comissão está trabalhando na parte de divulgação em sala de aula. Foi sugerido construir um relatório com as impressões de realizar o evento dentro da Semana da Física, e essa iniciativa já foi iniciada.

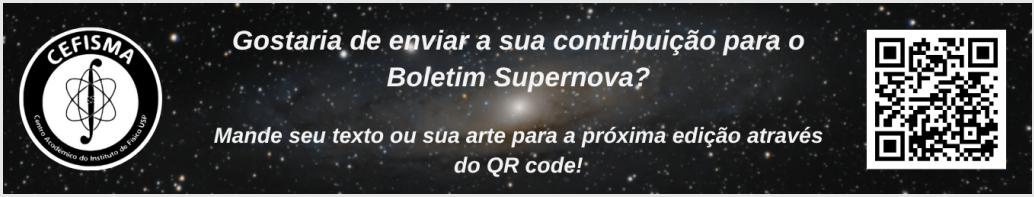
A segunda pauta se deu na discussão da **proposta de uma nova disciplina optativa de 4 créditos**, intitulada **"Fundamentos Interdisciplinares para o Ensino de Ciências"** que será ofertada pela nova professora Thereza A. Soares (DFG, IFUSP). O objetivo dessa disciplina surge na tentativa de dar habilitação de ciências para os formandos da licenciatura, mas a viabilidade disso ainda está em análise. O pré-requisito será a disciplina (4300159) Física do Calor e terá 1 crédito trabalho, além das PCC. Entrará para o 5° período, e ainda está em discussão se pertencerá ao Bloco Temático ou Bloco Geral. A proposta teve parecer positivo do Prof. Cristiano Mattos e a COC estava aguardando o parecer do Prof. Adriano Alencar. Se a CG aprovar, será oferecida no 1° semestre de 2027. A COC se mostrou favorável à criação desta disciplina.

A terceira pauta se deu na **discussão sobre o ENADE**. Os professores comentaram o que ouviram sobre a experiências dos estudantes que realizaram o exame esse ano, e se mostraram preocupados se deram o apoio necessário referente às instruções. Pretendem estar mais presentes no próximo ano, ajudando na comunicação com os estudantes sobre as etapas da prova. Por enquanto, a etapa da aula prática é opcional.

A quarta pauta foi sobre a **Feira de Profissões de 2026** que ocorreu na Praça do Relógio. O Prof. Germano relatou que esteve presente e que foi muito legal, mas percebeu que houve um desinteresse dos participantes em saber sobre os cursos, estavam mais interessados pelos experimentos. Além disso, observou que os batepapos estavam vazios.

A quinta e última pauta foi sobre se é conveniente (ou não) fazer um levantamento da presença dos ingressantes, porém não consegui acompanhar essa discussão pois precisei sair para aula.

Sobre a autora:
Priscila Diogo é aluna da licenciatura em física e participa das reuniões da COC-LIC.



Repasse Financeiro do CEFISMA de Setembro de 2026

A análise das despesas do CEFISMA deve partir da compreensão de que os recursos financeiros de uma entidade estudantil não são um fim em si mesmos, mas um meio para garantir sua manutenção, sua autonomia e sua capacidade de desenvolver atividades em benefício dos estudantes. Por isso, avaliar a movimentação financeira exige ir além da simples comparação entre receitas e despesas: é necessário compreender quais necessidades são atendidas pelos gastos, quais atividades são financiadas e de que maneira a entidade preserva suas condições materiais de funcionamento ao longo do tempo.

No demonstrativo apresentado, observa-se uma diversidade de despesas relacionadas à manutenção dos espaços estudantis, à contratação de serviços, à realização de eventos, ao financiamento de projetos e à regularização institucional. **Os gastos com limpeza e manutenção somam R$ 1.915,20**, considerando os lançamentos identificados nessas categorias. Embora possam parecer despesas essencialmente operacionais, esses recursos são fundamentais para garantir que os espaços administrados ou utilizados pelo CEFISMA permaneçam em condições adequadas de funcionamento. A existência de um espaço estudantil exige gastos permanentes com conservação, materiais e infraestrutura, sem os quais a realização de reuniões, atividades culturais e iniciativas de organização coletiva se torna mais difícil. Nesse sentido, a manutenção material não deve ser vista como uma despesa dissociada da atuação política da entidade, mas como uma das condições que tornam essa atuação possível.

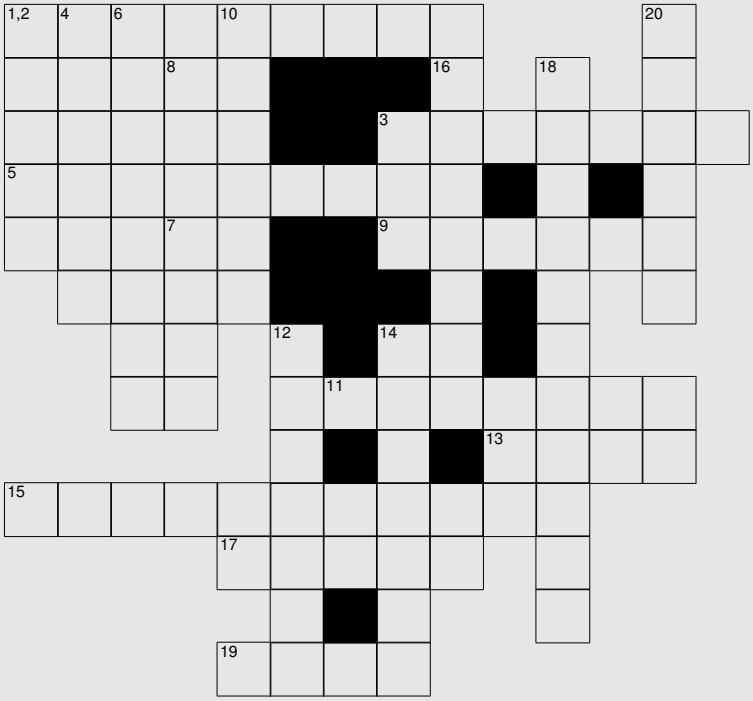
Ao mesmo tempo, o demonstrativo registra **gastos com eventos, transporte para o sindicato, equipamentos de agitação e propaganda e repasses a diferentes grupos e atividades.** Essas despesas indicam que parte dos recursos foi destinada a iniciativas que ultrapassam o funcionamento cotidiano da entidade. A análise político-econômica desses lançamentos exige compreender a relação entre os recursos empregados e as finalidades das atividades financiadas. Os gastos com eventos e projetos, por exemplo, podem contribuir para a integração estudantil, a circulação de ideias e a articulação com outras organizações. Entretanto, para avaliar adequadamente sua destinação, é necessário que cada lançamento esteja acompanhado de uma descrição clara, permitindo identificar a atividade beneficiada e os resultados pretendidos. O mesmo vale para os repasses: sua transparência depende do registro de quem recebeu os recursos, de qual atividade foi financiada e de como o valor foi utilizado.

Um dos aspectos que merece atenção é o volume de **despesas com serviços e despesas financeiras**. No trecho analisado, essas categorias **somam R$ 5.386,46, incluindo R$ 900,00 destinados à regularização do CNPJ e R$ 1.500,00 referentes a serviços jurídicos.** São valores relevantes dentro da movimentação apresentada, mas não podem ser classificados automaticamente como excessivos. A regularização documental e o acompanhamento jurídico podem ser necessários para assegurar a continuidade institucional, resolver pendências e proteger os interesses da entidade. A questão central consiste em compreender a natureza desses gastos, verificar se são pontuais ou recorrentes e garantir que estejam devidamente documentados.

Sobre a autor:
Arak é o tesoureiro da chapa Cefisma Popular – chapa vigente do CEFISMA do período 2026-2027.

Palavra Cruzada

Nesta palavra cruzada, desafiamos seus conhecimentos gerais sobre nomes e termos tanto da física quanto da vida IFUSPiana. Traremos a solução na próxima edição.



Horizontal

1 Deputado estadual pelo PCB e um dos idealizadores da FAPESP. 3 Boost de ___. Limite não relativístico. 5 Um instituto de física teórica no Canadá. 7 Sigla para a entidade que representa os estudantes. 9 Segundo nome da Lei $\vec{B} = \frac{\mu_0 I}{4\pi} \int \frac{\mathrm{d}\vec{l} \times \hat{r}}{d^2}$. 11 Nome da notação: $\not{\partial} = i\hbar\gamma^\mu \partial_\mu$. 13 Opera o LHC. 15 Processo de ortonormalização. 17 Linguagem de programação com nome próprio. 19 Regra de ___. $p(x)\mathrm{d}x = |\psi(x)|^2 \mathrm{d}x$.

Vertical

2 Derivada. Língua inglesa. 4 Par da hipotenusa. 6 Professor homenageado na reabertura da biblioteca. 8 Primeiro evento científico de muitos alunos da USP. 10 Dado um plano $ax + by + cz + d = 0$, o vetor (a, b, c). 12 $\mathbb{S}^1 = \{(x, y) \in \mathbb{R} : x^2 + y^2 = 1\}$. 14 $\psi(1, 2) = -\psi(2, 1)$. Partícula. 16 Lei. $\nabla \times \vec{E} = -\frac{\partial \vec{B}}{\partial t}$ 18 Instrumento que mede força. 20 Aquele que $\sum \vec{F} = 0$.

Solução Palavra Cruzada – Boletim Supernova n° 17 (edição anterior)

Horizontal 1 Newton 3 BaixoMatão 5 Ferromagnético 7 Neutrinos 9 NavierStokes 11 Tiomno 13 Coutinho 15 Gauss
Vertical 2 Núcleo 4 Ótica 6 Murphy 8 Amortecimento 10 Onda 12 Higgs 14 Wronskians 16 Calor

Mural de Avisos

Avisos para você não ficar de fora!

O Mural de Avisos serve como um lugar para colocar recados e divulgar eventos. Caso queira colocar algo no Mural de Avisos da próxima edição, envie no formulário do Boletim Supernova, no email supernova@cefisma.org.br ou para algum dos editores.

Eleição de RDs — IFUSP

As eleições para representantes discentes do IFUSP já começaram, preste atenção nas datas!

Prazo de inscrições: de 01 de outubro até as 17h do dia **16 de novembro** de 2026.

Inscrição: basta **preencher e enviar o requerimento de inscrição** no e-mail ataac@if.usp.br. O requerimento está disponível em https://portal.if.usp.br/ataac/pt-br/node/8205 como "Requerimento.pdf". Detalhes na portaria das eleições discentes – disponível no site citado.

Eleição: ocorrerá no dia **01 de dezembro** de 2026, das 00h01min às 23h59min, por meio de sistema eletrônico de votação e totalização de votos.

As cadeiras de representantes discentes existentes no IFUSP estão postas na tabela ao lado.

Órgão / Comissão / Conselho	Titular	Suplente
Congregação	5 Grad 1 Pós	5 Grad 1 Pós
Conselho Técnico Administrativo (CTA)	1	1
Comissão de Graduação (CG)	1	1
Comissão de Pós-Graduação (CPG)	1	1
Comissão Coordenadora do Curso de Física Médica	1	1
Comissão Coordenadora do Curso de Licenciatura em Física	2	2
Comissão Coordenadora do Curso de Bacharelado em Física	1	1
Comissão de Apoio Profissional (CAP)	2	2
Comissão de Cultura e Extensão Universitária (CCEx)	1	1
Comissão de Pesquisa (CPq)	1	1
Comissão de Biblioteca	1 Grad 1 Pós	1 Grad 1 Pós
Comissão de Inclusão e Pertencimento (CIP)	1 Grad 1 Pós	1 Grad 1 Pós
Conselho do Departamento de Física Aplicada (FAP)	1	1
Conselho do Departamento de Física Experimental (FEP)	1	1
Conselho do Departamento de Física Geral (FGE)	1	1
Conselho do Departamento de Física Matemática (FMA)	1	1
Conselho do Departamento de Física dos Materiais e Mecânica (FMT)	1 Grad 1 Pós	1 Grad 1 Pós
Conselho do Departamento de Física Nuclear (FNC)	1	1

HallowIF — CEFISMA

Apresentamos a festa de Halloween do CEFISMA: o HallowIF 2026:

Contracultura é revolução!

Informações:
Dia: 29/10
Horário: às 18h
Local: no Amélia Império

A festa contará com diversas atividades! Dentre elas, um **concurso** de melhor fantasia, um **quizz** de filmes de terror clássicos e um quizz em equipes de cultura pop!

Contracultura é resistência, contracultura é revolução.



"A Antonéia!" disponível no YouTube — Grupo de Teatro Vaca Esférica



Antônio e Gregório se detestam, mas o roteiro exige que eles se casem! O que eles poderiam fazer contra os planos do destino? Nada. Absolutamente nada. Se alguém (além dos noivos) tiver algum motivo para impedir essa união, fale agora ou...

Uma peça do Vaca esférica, agora disponível (com legendas!) no Youtube no canal "Grupo de Teatro Vaca Esférica" como "A Antonéia!".

Clube do Livro da Física

Coletivo Feminista Elisa Frota



Agora a física tem um clube do livro!

O Clube do Livro da Física faz reuniões mensais com trocas de livros e discussões sobre o livro do mês.

O livro do momento é **Olhos d'água da Conceição Evaristo**.

Todos estão convidados a participar, pretendemos criar um ambiente de discussão com diversos temas sociais e para isso contamos com todos os coletivos e estudantes da física.

Para mais informações, contactar o Coletivo Feminista Elisa Frota *instagram* @coletivofrota.if ou pelo *WhatsApp* (disponível na descrição no *instagram*).

Newsletter do Supernova

Equipe Supernova

Gostaria de receber a **versão online do Boletim Supernova na sua caixa de email todo mês?**

A Equipe Supernova montou a *newsletter* do Supernova, que é justamente o **Supernova online enviado por email** para você (assim como acontece com o BIFUSP - o Boletim Informativo do IFUSP).

Para participar da nossa *newsletter*, basta enviar seu email por meio do **formulário disponível no QR-Code ao lado**.

https://forms.gle/WQyj67xxnHcoTQQA9

Me conta, SUPERNOVA!

Além de editores, também cultuamos a arte em suas várias facetas. Nessa seção, trazemos algumas resenhas de obras que a equipe Supernova apreciou.

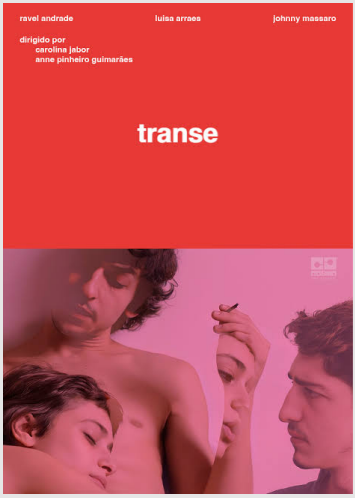


A Flor do Recomeço (2026)
Artista: Salvador Sobral

O único campeão português do festival Eurovision lança um disco que, sem dúvidas, é uma sequência da sua devoção à MPB. Em A Flor do Recomeço, ele conta com as participações de diversos cantautores brasileiros, incluindo Ney Matogrosso, Adriana Calcanhoto e Arnaldo Antunes.

Sobral prova, mais uma vez, que artista com A maísuculo não se submete a pasteurização presente na música européia e se dispõe a experimentar do que chama de "o berço da música mundial".

Por: Camila Leite



Transe (2022)
Diretoras: Anne Pinheiro Guimarães e Carolina Jabor

O (conhecido) Transe é um filme bizarro, e não somente pela presença do Caetano Veloso nos créditos.

Para o roteiro, este filme é uma sátira; mas para a edição e montagem, certamente não. Um roteiro muito fraco que abraça um momento tão delicado, tão recente, da história nacional e o coloca como mero plano de fundo para explorar personagens vazios em cenas entediantes (tanto pelo diálogo como pelas imagens).

Achei o filme horas sem profundidade e horas (honestamente) insensível. Não teve uma reflexão genuína nem dos fatores que levaram a eleição do Bolsonaro, nem da esquerda de 2018 – a autocrítica (ou crítica) foi vazia (e clichê).

Não teve cinema. O café tava frio. E a democracia, em vertigem induzida.

Por: Triz Persoli



Rosette Nebula (C49/NGC2244)

Expediente

Boletim Supernova
Edição 18
Outubro de 2026
supernova@cefisma.org.br
boletimsupernova@gmail.com

Formatação
Maria Dressano
Triz Persoli

Elisa Torrecilha
Douglas J. Vieira
Camila Leite

Revisão Geral
Elisa Torrecilha
Triz Persoli
Maria Dressano

Palavra

Cruzada
Elisa Torrecilha
Triz Persoli

Versão Online
Elisa Torrecilha
Triz Persoli

Newsletter
Elisa Torrecilha

Template LaTeX
Francisco M. Neto
Elisa Torrecilha
Guilherme Aciron

Astrofotografia
Olga Ismael
(*Instagram* @olga.backyard)